



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

PAMELA DE ALMEIDA TORRES CAVALCANTE

**A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO PROCESSO DE INSERÇÃO DE CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAMPINA GRANDE - PB

2021

PAMELA DE ALMEIDA TORRES CAVALCANTE

**A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO PROCESSO DE INSERÇÃO DE CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Me. Márcia Gomes dos Santos Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376i Cavalcante, Pamela de Almeida Torres.

A importância do afeto no processo de inserção de crianças na educação infantil [manuscrito] / Pamela de Almeida Torres Cavalcante. - 2021.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Márcia Gomes dos Santos Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Afetividade. 2. Educação infantil. 3. Professor. 4. Criança. I. Título

21. ed. CDD 372

PAMELA DE ALMEIDA TORRES CAVALCANTE

A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO PROCESSO DE INSERÇÃO DE CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Pedagogia.

Aprovada em: 07/10/2021.

BANCA EXAMINADORA

Márcia Gomes dos Santos Silva

Prof. Me. Márcia Gomes dos Santos Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Lenilda Cordeiro de Macedo

Prof. Dra. Lenilda Cordeiro de Macedo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Moura Montenegro

Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, por todo amor e dedicação,
DEDICO.

“Tudo que eu tenho rendo aos Teus pés, a mais ninguém. Te dei meus fracassos e as vitórias te darei também.” (Gabriela Rocha, 2020)

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	9
3	UM OLHAR PARA A AFETIVIDADE.....	12
3.1	Afetividade na educação infantil.....	15
4	METODOLOGIA.....	18
4.1	RELATO DE EXPERIÊNCIA: A AFETIVIDADE EM PRÁTICA	19
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS	23
6	CONCLUSÃO	24
___	REFERÊNCIAS	26

A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO PROCESSO DE INSERÇÃO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pamela de Almeida Torres Cavalcante¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir e analisar a importância da afetividade no processo de inserção de crianças na Educação Infantil a partir da vivência pessoal da autora na docência na Educação Infantil, em uma turma de infantil IV, em uma escola particular da cidade de Campina Grande. Tendo como objetivos específicos identificar por meio de leitura bibliográfica a importância da afetividade na relação professor - aluno, analisar por meio da observação a influência da afetividade no desenvolvimento da criança e verificar como a afetividade reflete na sala de aula. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que apresenta um relato de experiência que traz considerações acerca da afetividade vivenciada na prática e a sua contribuição durante o processo de inserção das crianças na Educação Infantil, para essa pesquisa foram utilizados os estudos de Mello e Rubio (2013), Ferreira e Acioly-Régner (2010) e Galvão (1995) entre outros. Além do aporte teórico, este trabalho reúne a observação que foi realizada com a turma do infantil IV. Após a observação, foi construído o relato de experiência, contribuindo para que outros docentes possam compreender sobre a importância da afetividade na relação interpessoal entre o professor e o aluno, bem como na importância desta mesma afetividade para que a criança consiga desenvolver plenamente suas habilidades, compreender e também aplicar os conteúdos e habilidades necessárias para o seu desenvolvimento, além de demonstrar o quanto a afetividade sendo demonstrada pelo docente de diversas formas durante os dias podem mudar totalmente o dia a dia na sala de aula.

Palavras-chave: Afetividade; Educação Infantil; Professor; Criança.

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss and analyze the importance of affectivity in the process of inserting children into Kindergarten from the author's personal experience in teaching at a private school in the city of Campina Grande. Having as specific objectives to identify through bibliographical reading the importance of affectivity in the teacher-student relationship, analyze through observation the influence of affectivity on child development and verify how it reflects in the classroom. This is a qualitative research that presents an experience report that brings considerations about the affectivity experienced in practice and its contribution during the process of insertion of children in Early Childhood Education, for this research were used the studies of Mello and Rubio (2013), Ferreira and Acioly-Régner (2010), Galvão (1995) among others. In addition to the theoretical contribution, this work brings together the observation that was carried out with the infantile IV class. After observation, the experience report was constructed, helping other teachers to understand the importance of affection in the interpersonal relationship between teacher and student, as well as the importance of this same affection for the child to fully develop their skills, understand and also apply

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba, email: almeidatorres.pamela@gmail.com

the contents and skills necessary for its development, in addition to demonstrating how the affection shown by the teacher in different ways can totally change the daily life in the classroom. teacher in different ways during the day can totally change the daily life in the classroom.

Keywords: Affection; Early Childhood Education; Teacher; Children.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica do nosso país. Nela crianças a partir 0 anos podem ingressar e permanecem até completarem 5 anos de idade. É nesse momento em que normalmente as crianças passam pela primeira separação do seu grupo social, que é a família e passa a ter contato com outro grupo social, agora formado por pessoas desconhecidas ao qual a criança irá permanecer algumas horas do seu dia.

As crianças que estavam acostumadas apenas com a sua família e o seu grupo, agora terão que aprender a socializar, interagir e se adaptar a um ambiente e a pessoas completamente novas e diferentes das quais elas já estavam acostumadas. Todo esse processo de mudança e de separação acabam gerando nas crianças algumas inseguranças, e durante esse processo o professor é a pessoa com quem a criança terá mais contato. Segundo Reda e Ujiie

A função da instituição de Educação Infantil e dos profissionais é de receber a criança e acolher sua singularidade, enfim, apresentar-se como um ambiente seguro e estimulante. O professor deve ser o mediador principal no contexto da adaptação escolar, não deixando a sala de aula cair na rotina ao mesmo tempo em que ganha à confiança das crianças e familiares. (2009, p. 10085)

Dessa forma, o docente como a principal referência e o mediador da turma, tem como principal função fazer com que as crianças se insiram e se sintam seguras naquele ambiente, assim, o docente pode demonstrar afetividade e acolher essas crianças da melhor maneira possível. No decorrer do ano letivo, mantendo essa afetividade o docente poderá notar diversas diferenças no seu cotidiano, incluindo no processo de ensino/aprendizagem.

A afetividade tem grande relevância no processo de ensino aprendizagem, pois a mesma faz com que a criança crie vínculos mais resistentes com o aprendizado. A afetividade transmite mais segurança ao aluno e o ajuda na parte cognitiva. De acordo com Benedicto “muitos dos problemas e dificuldades na relação da criança com a aprendizagem escolar podem se originar de uma relação afetiva destituída de laços de confiança, respeito e diálogo.” (2014, p.7). Dessa forma, os docentes da Educação Infantil devem se conscientizar que sua postura interfere diretamente no aprendizado do aluno.

O objetivo deste trabalho consiste em analisar a importância do afeto no processo de inserção das crianças na Educação Infantil. Esse tema foi escolhido a partir de inquietações que foram despertadas na experiência pessoal da minha docência, onde foi observada a importância do afeto dentro do espaço educacional e na relação interpessoal entre o professor e o aluno.

Possui como objetivos específicos, identificar por meio de leitura bibliográfica a importância da afetividade na relação professor - aluno, analisar por meio da

observação a influência da afetividade no desenvolvimento da criança e verificar como a afetividade reflete na sala de aula.

O corpo do trabalho está dividido em 3 partes. A primeira parte será apresentada a parte teórica que foi utilizada como aporte para o restante do trabalho. Nesta parte serão contextualizadas um pouco do histórico da Educação Infantil, da afetividade e também da afetividade na Educação Infantil.

Na segunda parte do texto será apresentada a metodologia do presente trabalho, assim como o relato de experiência.

Na terceira e última parte do trabalho, serão apresentadas a análise dos resultados e também a conclusão.

2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para compreendermos a concepção atual de Educação Infantil, é necessário realizarmos uma busca e síntese sobre o contexto histórico-social da época na qual surgiu o que conhecemos hoje de Educação Infantil.

Durante a Revolução Industrial existiu uma necessidade de mão de obra humana para as fábricas, que durante aquele período estavam passando do processo de utilização de ferramentas para o processo da utilização das máquinas, e foi necessário que a classe operária da época fosse aumentada. Foi nesse período que aconteceu a necessidade da inserção das mulheres no mercado de trabalho, que até então, ficavam apenas em casa cuidando dos afazeres domésticos e das crianças.

Já que naquele momento as mulheres teriam que sair para trabalhar, surgiu a preocupação sobre onde as crianças iriam ficar, já que agora tanto o pai quanto a mãe iriam passar o dia inteiro trabalhando. De acordo com Paschoal e Machado

As mães operárias que não tinham com quem deixar seus filhos, utilizavam o trabalho das conhecidas mães mercenárias. Essas, ao optarem pelo não trabalho nas fábricas, vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras mulheres. (2009, p. 80)

Embora algumas mães tivessem a opção de deixar os filhos com as “mães mercenárias”², outras não tinham essa possibilidade e só tinham duas opções: abrir mão do seu trabalho para cuidar apenas das crianças ou abandonar os seus filhos.

Nesse período a taxa de mortalidade infantil cresceu consideravelmente, pois até mesmo crianças muito pequenas eram deixadas sozinhas, a desnutrição e acidentes domésticos eram as principais causas de morte dessas crianças.

Foi a partir desta necessidade e do olhar da sociedade se voltar para os problemas que estavam acontecendo com as crianças, que foram surgindo as creches e jardins de infância, que tinham inicialmente o caráter assistencialista, ou seja, foi criado com o intuito de fazer o papel que a família fazia: alimentar, higienizar, cuidar e também abrigar essas crianças que não tinham com quem ficar. Segundo Alves as primeiras instituições foram criadas

No final do século XIX, foram criados os primeiros “asilos”, as primeiras creches para os filhos das classes menos favorecidas, que funcionavam

² Assim como mencionam Paschoal e Machado (2009), as mães mercenárias eram aquelas que não trabalhavam nas fábricas ou em qualquer outro lugar, essas mulheres vendiam os seus serviços para que as mães que trabalhavam pudessem deixar os seus filhos em segurança. Hoje podemos igualar esse serviço, como os das babás.

como “depósitos” de crianças para que as mães pudessem trabalhar. (2011, p. 2)

Os jardins de infância já foram criados com outro intuito, os mesmos, de acordo com Paschoal e Machado (2009), foram criados a partir de 1840, por meio de Friedrich Froebel e eram instituições que não utilizavam nada do assistencialismo assim como eram nas creches, no jardim de infância a instituição trabalhava especificamente a parte pedagógica, educava a criança.

As famílias que tinham um poder aquisitivo melhor, deixavam os seus filhos com as “mães mercenárias” ou contratavam babás, porém aquelas famílias que não possuíam um poder aquisitivo suficiente para contratar esse tipo de serviço poderiam agora deixar as crianças nas creches, as mesmas deveriam ser de tempo integral, já que a família trabalhava o dia inteiro e gratuita, pois a família não teria dinheiro para pagar tal privilégio.

Dessa forma, o papel da creche nesse período era ajudar essas famílias e principalmente as mães, a poderem trabalhar e ao mesmo tempo, deixarem seus filhos em segurança, de acordo com Didonet, a creche deveria

[...] enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto da família. Essa origem determinou a associação creche/criança pobre e o caráter assistencial(ista) da creche. (2001, p.12)

Com o passar dos anos, médicos higienistas e a assistência social, perceberam que além do aspecto assistencialista, as crianças necessitavam também do aspecto pedagógico, a partir desse pensamento, começaram a ocorrer mudanças, segundo Didonet

E ao dirigir o enfoque principal de seus serviços para a criança como sujeito de educação e, em vista disso, desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade, com profissionais que buscam o melhor para a criança, a creche passa a ser uma instituição que acrescenta, que enriquece o que a mulher (o pai, a família inteira) pode fazer pela criança. (2001, p. 13)

Foi a partir da década de 1950 que a creche teve o seu caráter complementado, além de assistencialista, também seria agora preparatório, pois as crianças iriam aprender e se adaptar a rotina escolar.

Porém foi somente na década de 1980, por meio de estudos e pesquisas que foram realizadas sobre a função das creches e pré escolas, que a Educação Infantil no Brasil recebeu uma preocupação maior por meio do poder público, sendo legitimada.

Na Constituição Federal de 1988, no Artigo 208, inciso IV é assegurado “educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade;” (BRASIL, 1988).

Esse mesmo direito foi assegurado para todas as crianças até cinco anos de idade no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, no seu Artigo 54, inciso IV, “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade;” (BRASIL, 1990) e também no seu Artigo 208, inciso III “de atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade;” (BRASIL, 1990).

Outro documento de suma importância para a Educação Infantil e para a sua legitimidade é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996. A LDB assegura

Art. 4. O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade;

X - vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.

Art. 31. A educação infantil será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

I - avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental;

II - carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional;

III - atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral;

IV - controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas;

V - expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança. (BRASIL, 1996).

Já diante desta perspectiva da Educação Infantil como a primeira etapa do ensino obrigatório no Brasil, foi publicado o documento intitulado Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). O RCNEI foi um documento criado para auxiliar os professores na transição das crianças na fase da creche para a pré-escola, unindo

atividades educativas, os cuidados essenciais das crianças e suas brincadeiras, o Referencial pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos (1998, p. 7)

O RCNEI foi idealizado para servir como uma orientação de cunho reflexivo sobre os “objetivos, conteúdos e orientações didáticas” (BRASIL, 1998, p.7), essas orientações foram repassadas para os professores e profissionais que atuam na Educação Infantil, com a faixa etária de zero à seis anos.

Atualmente, no ano de 2018, foi criado mais um documento que serve como norteamento e ressalta a relevância da Educação Infantil, é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse documento reforça que a Educação Infantil é a base e o início de todo o processo da educação, quando as crianças adentram nas creches e pré-escolas, elas se deparam, na maioria das vezes, com a primeira separação dos seus pais e familiares e são incorporadas a situações que requerem das crianças uma socialização.

Para a BNCC, a Educação Infantil está vinculada com a educação e o cuidado, sendo o cuidado inerente a ação educativa. Além disso, a BNCC aponta o objetivo das creches e pré-escolas

[...] ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (2018, p. 36)

A BNCC também possui em seu texto os campos de experiência, que consistem em cinco eixos no qual as crianças devem se desenvolver tanto na aprendizagem como também no desenvolvimento pessoal, considerando a vivência e os saberes de cada criança. Também são apresentados os objetivos da aprendizagem e do desenvolvimento para a Educação Infantil, nesta parte a BNCC ressalta que as aprendizagens fundamentais para as crianças da Educação Infantil consistem em seu comportamento, suas habilidades e seus conhecimentos, também são consideradas importantes as vivências, pois são a partir delas que as crianças conseguem aprender e se desenvolver. São considerados como eixos estruturantes as interações e brincadeiras, a partir delas, as crianças tem suas aprendizagens fundamentais absorvidas.

Foi somente a partir deste conhecimento e da legitimação da Educação Infantil como parte da Educação Básica e como primeira etapa da mesma, que hoje a Educação Infantil tem uma dimensão ampla no sistema educacional. Com essa dimensão, as crianças passam a ser vistas como alguém que é capaz de criar e estabelecer relações, que é um ser sócio-histórico, que produz cultura e que está inserido no mundo, assim como os adultos, sendo assim, não é necessário apenas o cuidado assistencial como antes era, mas é necessário também que as crianças sejam vistas como seres produtores das suas vivências e conhecimentos.

3 UM OLHAR PARA A AFETIVIDADE

O estudo voltado para o que é afetividade é considerado recente, pois, a afetividade não era considerada um objeto de estudo como os outros sentimentos e emoções, sendo assim, era uma temática não científica.

Ferreira e Acioly-Régnie definem a afetividade como

o domínio funcional que apresenta diferentes manifestações que irão se complexificando ao longo do desenvolvimento e que emergem de uma base eminentemente orgânica até alcançarem relações dinâmicas com a cognição, como pode ser visto nos sentimentos. (2010, p.26)

Como supracitado, mesmo o estudo da afetividade seja considerado recente, existiram alguns estudiosos que contribuíram efetivamente com o estudo da afetividade, dentre eles podemos destacar Henri Wallon.

Henri Wallon foi um estudioso que dedicou os seus estudos ao psiquismo humano, ele acreditava que apenas através do conhecimento do psiquismo seria possível compreender e explicar as múltiplas relações das pessoas, a partir disso, seria possível conhecer a pessoa como todo. Ele afirmava que a criança não é um ser em construção, inacabado, mas sim, um ser que deve ser compreendido e entendido durante o período em que está vivendo.

Wallon acreditava que durante o período da infância, as pessoas teriam a origem de grande parte dos seus processos psíquicos, dentre eles a afetividade. Ele

ressalta que ainda quando recém nascidos, as crianças já sentem o afeto, porém não conseguem expressar essa afetividade de forma plena, pois para isso, a criança precisa desenvolver seu lado motor e também cognitivo, somente após, a mesma conseguirá se expressar de uma forma mais concreta.

Para melhor compreensão sobre o desenvolvimento humano, Wallon dividiu-o em diferentes estágios, que são conhecidos como estágios da psicogênese, esse começava no período intra-uterino e se estendia até a adolescência. Cada estágio seria referente a um momento de evolução mental e também de comportamento que seriam adquiridos conforme determinadas interações sociais.

O primeiro estágio é denominado de Impulsivo-Emocional, esse acontece de 0 à 12 meses, nesse período as principais mudanças são relacionadas a impulsividade motriz, estágio emocional e começo de exercícios sensoriais motores.

O segundo estágio é denominado de Sensorio Motor e Projetivo, esse se estende de 12 à 2-3 anos, nesse período a criança desenvolve a sua parte motora e também entra no estágio projetivo.

O terceiro estágio é denominado de Personalismo e acontece durante 3 à 6 anos, período em que a crianças, formam principalmente o seu caráter.

O quarto estágio é o Pensamento Categorical, que acontece entre 6 à 11 anos, acontece o desmame afetivo, constituição de rede de categorias e o conhecimento operativo racional.

O último estágio é o da Puberdade-Adolescência, nesse período existe a crise da puberdade, a dobra do pensamento sobre si e a tomada de consciência de si mesmo no tempo.

Além dos estágios que são utilizados para melhor compreensão do desenvolvimento humano, Wallon também utiliza três princípios para poder explicar sobre esse desenvolvimento, são eles: a Lei da Alternância Funcional, a Lei da Preponderância Funcional e a Lei de Integração Funcional. De acordo com Dautro e Lima, os três princípios são

Lei da Alternância Funcional: Os aspectos afetivos e cognitivos e afetivos se alternam nos diferentes estágios do desenvolvimento, de forma que num estágio há a predominância de aspectos afetivos (com orientação centrípeta, voltada para a construção do eu) e no estágio subsequente, a de aspectos cognitivos (com orientação centrífuga, voltada para as relações externas a pessoa).

Lei da Preponderância Funcional: No decurso do desenvolvimento humano ocorre a predominância de um dos conjuntos funcionais (cognição, ato motor, afetividade) embora não signifique a ausência dos outros componentes. Por exemplo, no primeiro estágio de desenvolvimento (estágio impulsivo) ocorre a prevalência da função motora.

Lei da Integração Funcional- Durante a sucessão dos estágios de desenvolvimento do homem são agregadas novas aquisições que se integram as conquistas passadas. Essas “experiências passadas não se perdem, permanecem latentes até que algumas situações as faça ressurgir” (LIMONGELLI, 2014). (2018, p. 6)

Diante dos estágios e também dos três princípios que são utilizados para melhor compreensão do desenvolvimento humano, Wallon explica como se dá a afetividade em cada estágio do desenvolvimento humano. De acordo com Galvão (1995) no primeiro estágio impulsivo-emocional, a afetividade seria sentida e nutrida por meio do contato e do olhar e seria expressada por meio de mímicas, gestos e também da postura. Já no estágio sensorio-motor e projetivo e também do personalismo a afetividade é externada por meio de palavras e também de ideias,

dispensando assim a presença física de pessoas. No estágio categorial a afetividade vai se tornando cada vez mais simplificada, pois as crianças começam a pensar sobre suas relações afetivas e também elaboram mentalmente os seus sentimentos.

Também de acordo com a teoria walloniana, a afetividade faz parte do orgânico das pessoas e só com o passar do tempo essa parte orgânica, através das interações com as outras pessoas, vai se transformando em uma afetividade mais social.

De acordo com Wallon (1968 apud Dautro e Lima, 2018) a afetividade seria

manifestações de dimensões tanto psicológicas como biológicas. Onde as manifestações psicológicas são representadas pelos sentimentos e desejos, e as manifestações biológicas são representadas pelas emoções, (2018, p. 4)

Vygotsky também seguia o mesmo pensamento de Wallon em relação ao desenvolvimento humano, ambos compreendem que as pessoas devem ser entendidas/compreendidas como um ser completo, principalmente durante o período da infância. Também durante a infância Bastos e Pereira afirmam que Vygotsky compreendia que a criança

não é só fruto do meio ou resultado de seus genes. Para não cairmos no reducionismo, não podemos separar a criança e sua atividade das suas condições de existência e de sua maturação funcional, integrando corpo e mente, condições internas e externas, aspectos genéticos e socioculturais. (2003, p. 13)

Vygotsky foi um psicólogo e estudioso que teve uma grande contribuição com os estudos sobre o desenvolvimento humano, ele destacava a importância da linguagem e da aprendizagem durante o desenvolvimento, destacando que tanto o meio social e o histórico, sem reduzir o ser a apenas a um ser histórico ou social, mas sim como ambos.

Sobre a afetividade, de acordo com Neto (2012), Vygotsky acreditava que existiam dois pressupostos em que existia a afetividade nas pessoas. A primeira delas seria a declaração monista, na qual as pessoas são vistas por inteiro e não divididas em partes como “corpo/alma, mente/alma, material/não material” (NETO, 2012, p.19). O segundo pressuposto seria o pressuposto globalizante ou holista, que também é parecido com o primeiro, no qual se estuda as partes que fazem parte de um total. De uma forma mais explícita, os dois pressupostos entendem o ser como um todo, dessa maneira, a afetividade estaria ligada por exemplo a cognição (que para Vygotsky era indissociável da afetividade), ao pensamento, a aprendizagem e etc.

Vygotsky também menciona muito sobre a afetividade durante o processo de aprendizagem das crianças, assunto que será abordado no próximo capítulo.

Seguindo também o mesmo pensamento de Wallon, Ferreira e Acioly-Régnie afirmam que

podemos compreender a afetividade, de forma abrangente, como um conjunto funcional que emerge do orgânico e adquire um status social na relação com o outro e que é uma dimensão fundante na formação da pessoa completa.

De acordo com esse pensamento e com os demais que foram ressaltados, podemos compreender que a afetividade surge conosco desde o nosso nascimento e com o passar dos anos e de acordo com as interações sociais que temos durante nossa vida, a nossa afetividade também se torna um pouco social.

A palavra afetividade é utilizada para descrever as emoções e estímulos que são recebidos, dentre eles estão o amor, o carinho, a dor, insatisfação, dentre outros. Dessa forma a palavra está relacionada a todos os sentimentos que são demonstrados, de acordo com Mello e Rubio a afetividade

[...] exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana. (2013, p.2)

Sendo assim, a afetividade não é indissociável das outras emoções, todas estão juntas e assim, como supracitado, o ser humano deve ser compreendido como todo e não ser analisado por diferentes aspectos ou emoções, principalmente durante a principal fase de desenvolvimento da nossa vida que é a infância.

3.1 Afetividade na educação infantil

A escola é o primeiro ambiente em que a criança tem contato com a sociedade, com outras crianças e adultos que não são seus pais, desse modo, a relação entre o professor e o aluno é de extrema importância na Educação Infantil, pois o professor interage diretamente com os alunos, estabelece uma relação maior com os alunos. A afetividade não deve ser resumida apenas a carinho físico, o professor pode demonstrar afeto ao ouvir o seu aluno, ao elogiá-lo, ao pronunciar algumas palavras ou simplesmente ao ouvir alguma ideia.

Especificamente na Educação Infantil, a afetividade entre o professor e o aluno possibilita uma segurança maior no período de inserção e também no momento de compreender o conteúdo, pois o aluno passa a confiar em seu professor e gostará de ouvi-lo, criando um elo de respeito entre ambos. De acordo com Benedicto

Neste sentido, é possível que uma relação entre professor/aluno ajuda o indivíduo na fase escolar, a ter mais confiança, superar os limites, uma vida social mais adequada desta forma toda experiência positiva no ambiente escolar leva o aluno a ter vida escola de sucesso. (2014, p. 19)

A Educação Infantil é o lugar em que a criança deve se sentir segura e acolhida, essa segurança faz com que a criança tenha um desenvolvimento social e emocional. A relação afetiva entre o professor e o aluno é de extrema importância para que esse desenvolvimento possa ocorrer, pois esse afeto proporciona “aconchego, socialização e conhecimento para o educando, levando ao aluno mais aprendizado.” (BENEDICTO, 2014, p. 27).

Para Wallon a afetividade é a mais primitiva das dimensões humanas é tão importante quanto a inteligência. “As instituições de educação infantil devem priorizar os laços afetivos, não meramente como uma estratégia, ou forma de suprir as carências das crianças, mas porque têm como objetivo o desenvolvimento integral destas. a evolução da inteligência está intrinsecamente relacionada à evolução da afetividade.” (MACÊDO, 2002, p. 80).

Segundo Benedicto (2014) a afetividade tem grande influência no período de adaptação escolar, pois a mesma cria segurança e faz com que a criança se insira no meio escolar, adquirindo laços afetivos com o professor e com as outras crianças, fazendo com que a mesma queira e tenha vontade de aprender. De acordo com Miranda

Na educação infantil essa relação da afetividade e aprendizagem influenciará profundamente a forma como se dá o desenvolvimento cognitivo da criança. Observa-se uma correlação positiva entre a ausência afetividade e a redução da aprendizagem, pois existe uma relação direta entre a afetividade e a ação pedagógica. (2013, p.30)

Quando o professor não tem afeto pelos seus alunos, é autoritário, rude e não se interessa pelo que faz, pode levar o aluno ao desinteresse de participar das aulas, de aprender, levando-o a ter sentimentos negativos e associando o professor a esses sentimentos.

A aprendizagem na Educação Infantil se constitui em um processo particular de cada criança e a afetividade entre os envolvidos (professor/aluno) cria prazer e alegria ante o processo. É importante ressaltar que o afeto entre o professor e o aluno não é o mesmo que ocorre entre os pais e filhos. O professor deve manter o afeto apenas nos elogios, nos carinhos, na sinceridade, na justiça, não decepcionando o aluno, respeitando-o e valorizando o seu conhecimento.

Durante o período em que a criança está na Educação Infantil, é importante que o professor tenha a sensibilidade para deixar a criança se expressar e também de expor o seu pensamento perante o que está sendo apresentado, dessa maneira, a criança se sentirá mais segura e também irá absorver o que está sendo transmitido para ela.

Ainda segundo Vygotsky (2001 apud Emiliano e Tomás 2015) as emoções são reflexos de estímulos que acontecem no meio sociocultural. As emoções influem e alteram o comportamento, dessa forma quando as palavras são faladas com sentimentos, elas são sentidas de uma maneira diferente de quando são ditas sem nenhum tipo de afeto. Dessa forma, as emoções também podem ser sentidas pelo lado positivo e pelo lado negativo, principalmente na Educação Infantil, a forma que o professor se dirige as crianças e fala com elas, deve ressaltar o lado positivo das emoções. As crianças saem do círculo familiar e a partir do momento que entram na escola começam a interagir com pessoas que até então são desconhecidas para elas. O professor sendo o principal mediador dessas crianças, deve falar e tratar as crianças de uma maneira que elas se sintam acolhidas e pertencentes daquele local.

De acordo com Emiliano e Tomás

[...] é possível verificar que o papel do professor, é fundamental no processo de internalização de conceitos e desenvolvimento dos alunos, e isto ocorre na mediação e na qualidade das relações estabelecidas entre professor-aluno. (2015, p. 7)

Também de acordo com Tápjas et al. é importante

[...] termos professores sensíveis e com uma percepção aguçada no que diz respeito às crianças é algo de grande relevância. Não podemos permitir que elas cresçam sem ter clareza de sua importância, do quão são amadas e de como tiveram suas opiniões e idéias respeitadas, e da grande influência positiva de seus mestres em sua formação. (2018, p. 12)

Durante o período da Educação Infantil a criança precisa se sentir segura, essa segurança pode ser tanto através do contato físico, como carinhos e abraços (que podem auxiliar no momento em que as crianças estão em período de adaptação e precisam/ tem necessidade de se sentirem seguras com alguém), mas o afeto também pode ser: encorajar a criança a fazer questionamentos e se tornar uma pessoa crítica; realizar atividades em que a criança consiga desenvolver a sua autonomia, criar

responsabilidade e também ser consciente. Dessa maneira, a afetividade está sendo inserida não só na parte de contato físico com o aluno, mas também, respeitando e colaborando com o desenvolvimento da criança, para que ela consiga se desenvolver de forma plena e conviver na sociedade.

De acordo com Reginatto, é importante o aluno

[...] saber que tem um educador em quem pode confiar, se apoiar. Professores marcam a vida das pessoas, seja pelo bom trabalho realizado, pela mão amiga, ou por ter provocado traumas que jamais serão esquecidos. Cabe a cada educador escolher que tipo de impressão quer causar e que lembrança quer deixar aos tantos alunos que passarão pela sua vida. (2013, p. 10)

O professor também pode demonstrar afeto pelas crianças no simples fato de ficar sorrindo, ouvindo-a, respeitando-a e compreendendo que cada criança é um ser único e que está em período de desenvolvimento, precisa desse encorajamento para conseguir se adaptar, ter segurança e conseguir aprender e adquirir novos conhecimentos dentro do ambiente escolar. Também é importante lembrar que essa afetividade não é restrita apenas no momento da aula em si, mas também percorre por todo o período em que a criança estará no ambiente escolar, durante a acolhida, nos momentos de recreação, de atividades, de alimentação e até mesmo na hora de ir para casa, pois quando a criança se sente segura, ela irá voltar no outro dia com o mesmo interesse de conhecer novas coisas e de conviver com novas pessoas.

Recapitulando os estágios do desenvolvimento de Wallon e reforçando os estágios um (impulsivo-emocional de 0 à 12 meses), dois (sensório motor e projetivo de 12 meses à 2-3 anos) e o três (personalismo de 3 à 6 anos), que são os estágios em que as crianças estão na Educação Infantil, Mahoney e Almeida (2005) ressaltam que durante o primeiro estágio, a afetividade que a criança demonstra/expressa são movimentos que saem de uma maneira desorganizada, através dos movimentos de propriocepção (um sistema que permite que o indivíduo consiga identificar a sua localização, orientação e posição do seu corpo no espaço, assim como da força que os seus músculos realizam) e também da interocepção (sensação menos consciente que percebe os estímulos dos órgãos mais viscerais, como por exemplo o sistema sanguíneo, o coração e o intestino), o professor deve estar atento nesse momento para incentivar e realizar atividades que propiciem uma resposta do corpo da criança, gerando contato com a pele, seja com brincadeiras que precisam do toque ou apenas de abraços – que já fazem parte da rotina da Educação Infantil -, sempre enfatizando esse tipo de contato, já que nessa faixa etária, a criança está se desenvolvendo desta maneira.

No segundo estágio, denominado de sensório motor e projetivo as crianças já conseguem andar, falar e necessitam de contatos com objetos, a partir desse contato, que para elas é novidade, surgem as perguntas. O professor nesse momento deve estar atento a sempre responder as dúvidas e/ou questionamentos das crianças sobre determinados objetivos, brincadeiras ou quaisquer outros tipos de perguntas. É importante também que durante o processo de ensino-aprendizagem, é necessário que o professor possa “oferecer diversidade de situações, espaço, para que todos os alunos possam participar igualmente”. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p.22), para que assim todos tenham oportunidade de se expressar e de sentir pertencente aquele grupo, já que é principalmente durante este estágio/faixa etária que a maioria das crianças adentram no ambiente escolar.

Durante o terceiro estágio que é o personalismo, as crianças já estão maiores e já começam a se expressar de maneiras mais pessoais, pois a convivência com o

meio social vai permeando o orgânico e as emoções e tudo que está presente na criança vai sendo moldado até que a mesma consiga ser ela em meio ao mundo. Diante dessa idade e de novas descobertas, as crianças que fazem parte desse estágio já querem descobrir coisas novas, de acordo com Mahoney e Almeida (2005), no decorrer desse estágio elas começam a entender que elas são diferentes das demais crianças e também não são iguais aos adultos. O professor ao longo desse período pode realizar atividades em que as crianças possam escolher o que mais lhe agrada ou que mais se identificam. O afeto durante esta faixa etária pode ser demonstrado (por meio do professor) através do simples fato de deixar com que a criança escolha aquilo que ela deseja fazer naquele momento, dessa maneira a criança irá compreender que ela está sendo notada, que ela é importante naquele espaço e que as suas vontades estão sendo observadas pelo professor. Também, de acordo com Mahoney e Almeida (2005) é importante que o professor reconheça e respeite as diferenças de cada criança, ainda de acordo com as autoras perante este estágio

[...] a criança aprende principalmente pela oposição ao outro, ela descoberta do que a distingue de outras pessoas. Como agora está se descobrindo como diferente dos outros, está rompendo com o sincretismo entre ela e os outros. O tipo de afetividade que facilita essas aprendizagens comporta oportunidades variadas de convivência com outras crianças de idades diferentes e aceitação dos comportamentos de negação, lembrando que são recursos do desenvolvimento. (2005, p. 23)

Sendo assim, a afetividade se torna uma das principais soluções para que a criança, que está iniciando sua vida escolar, consiga se desenvolver de forma plena, compreender o que está sendo transmitido para ela e também se sentir pertencente daquele local ao qual ela está inserida, contribuindo para que essa criança alcance um desenvolvimento amplo.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência proveniente da minha docência na Educação Infantil, em uma turma de infantil IV, no ano de 2017 em uma escola particular da cidade de Campina Grande – PB.

O estudo foi concentrado na análise da afetividade na relação professor aluno, em como a mesma auxilia no processo de ensino aprendizagem, no desenvolvimento da criança e como a afetividade reflete na sala de aula.

Diante dessa proposta, o método de pesquisa escolhido foi a qualitativa, que de acordo com Gerhardt e Silveira

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...] Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (2009, p.31-32)

Diante desse cenário, para dar continuidade ao trabalho, primeiro foi realizada a parte de observação, onde por parte da pesquisadora, foram algumas crianças que

despertaram o interesse sobre a temática realizada neste trabalho, e foi a partir dessas, que foi realizada a primeira etapa do trabalho, a parte da observação e coletado os primeiros dados. Segundo Gerhardt e Silveira, a observação

É uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade. Ela consiste em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo. (2009, p.74)

Após a observação, se fez necessário relatar os fatos ocorridos, desta forma foi realizado o relato de experiência, que de acordo com o site São Cristóvão

O relato de experiência é um texto que descreve com precisão uma experiência que possa contribuir para a área de atuação do pesquisador e para outros profissionais da área e que os resultados sejam passíveis de serem estendidos, servindo como potencial exemplo para outras situações similares e estudos. A relevância de um relato de experiência está na importância dos problemas que foram identificados, assim como o nível de generalização na aplicação de procedimentos ou de resultados da intervenção para vivências correlatas, servindo como uma colaboração para a conduta metodológica da área à qual pertence. (2019, p.1)

No relato de experiência será abordado todo o percurso de como foi despertado o interesse sobre a importância da afetividade, assim como foi a minha vivência como professora da Educação Infantil e de como a afetividade teve influência na sala de aula.

4.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA: A AFETIVIDADE EM PRÁTICA

Logo após ingressar na universidade, precisamente no segundo período, tive a oportunidade de adentrar em uma escola particular da cidade de Campina Grande, onde resido até hoje, para ser professora da Educação Infantil. Diante das conversas que tive com a diretora da instituição, ela me afirmou que eu iria ficar com a turma do infantil IV, os alunos dessa turma possuem 4 ou 5 anos.

Ao longo dos quatro anos que ensinei nessa instituição, posso afirmar que aprendi muita coisa na prática, pois ainda estava iniciando a graduação e no início do curso o aprendizado é mais voltado para a parte teórica, pois se faz necessário compreender a teoria para colocar em prática, mas, fui conciliando os dois e até mesmo antecipando algumas partes da graduação por já estar dentro da sala de aula.

No início, estar em sala de aula, sem tanta base teórica e nenhuma prática, foi bastante desafiador, pois de acordo com Oliveira et al. “é a relação da teoria e da prática durante o processo formativo do professor que vai significar a aprendizagem dos alunos mediante o ensino” (2013, p. 1-2). Porém, aos poucos fui me adaptando e compreendendo o papel que eu como professora da Educação Infantil, tinha com aquelas crianças e com o aprendizado das mesmas.

Nessa instituição a turma do Infantil IV aprendia a escrever os seus dois primeiros nomes, conhecer e escrever todas as letras do alfabeto e também os números de 1 à 10. Com a ajuda da diretora e também das demais professoras que pertenciam a instituição, comecei a realizar os planejamentos, planejar atividades e brincadeiras que fossem adequadas tanto para a faixa etária das crianças, como também para o que era a proposta de ensino da escola.

Ao todo, fui professora da Educação Infantil e também do infantil IV durante 4 anos. Durante esse tempo, fui compreendendo e assimilando como é ser professora, o que era necessário fazer para que as minhas crianças conseguissem compreender o conteúdo e além de tudo, o que eu podia fazer para que mesmo com os conteúdos e com toda a rotina escolar, as crianças pudessem se sentir tranquilas e confortáveis, mesmo sendo em um ambiente que elas estão se acostumando a pertencer.

Na Educação Infantil, mesmo na turma em que dei aula em que as crianças possuem 4 ou 5 anos, sempre existem momentos de adaptação, pois quando se inicia uma nova série/etapa, muda o ambiente da sala de aula, muda o(a) professor(a), muda o conteúdo e as habilidades que as crianças precisam desenvolver, e para as crianças que são pequenas, essas mudanças geram algumas incertezas. Sobre a adaptação Reda e Ujii afirmam que

Afastar-se do aconchego do lar e enfrentar o desconhecido significa um grande salto na vida de qualquer criança. O ingresso na Educação Infantil e na vida escolar representa um passo muito grande em direção à independência. Esta é uma fase que exigirá um período de adaptação. Quando falamos em adaptação devemos considerar que sempre que enfrentamos uma situação nova, esse processo se desencadeia. (2009, p. 10083)

Mesmo aquelas crianças que já estudavam em outras séries, no início do ano letivo necessitam de uma nova adaptação, tanto ao professor(a), quanto a turma, quanto ao espaço de sala de aula, e essa adaptação acontece tanto com os alunos e também com a(o) docente que está com aquela turma.

Foi durante o primeiro ano que dei aula, onde afirmo que foi o ano que mais aprendi sobre a Educação Infantil, embora com pouquíssima ou quase nenhuma base teórica, a prática me mostrou da forma mais singela e ao mesmo tempo desafiadora sobre o ser professora.

Essa primeira turma era tudo aquilo que pra mim até então era o caos da educação, pois mesmo antes de entrar na graduação tinha uma visão limitada da criança como estudante, como um ser limitado e acabado, que não teria como contribuir, apenas receber. E foi somente a partir daí que fui percebendo as necessidades de cada criança e a importância que cada uma delas tinha dentro da sala de aula.

Antes de iniciar o ano letivo de 2017, que foi o primeiro ano no qual iniciei à docência, a professora da turma do infantil III (respectiva professora da turma que eu iria dar aula), me relatou inúmeras vezes o quanto a turma era complicada e o quanto eu iria precisar de paciência e de atividades para preencher o tempo das crianças, pois eles não ficavam quietos por muito tempo. Então, comecei a pensar o que estaria acontecendo com essas crianças para que eles pudessem passar esse tipo de impressão para todo o corpo docente da escola.

Na primeira semana de aula, comecei a ter uma breve noção do que estaria por vir durante o ano letivo. Eu enquanto uma professora ainda no início da formação, fiquei um pouco perdida sobre como iria proceder diante de tantas informações. Com o passar dos meses, fui compreendendo perfeitamente quais eram os pontos que para o corpo docente da escola aquela turma era a mais complicada de todas.

Para preservar a identidade das crianças, ao longo deste relato que for me referir as mesmas, irei utilizar os nomes fictícios João e Pedro.

Os meninos João e Pedro eram os alunos no qual eu tinha recebido mais “dicas” de como lidar, pois os mesmos já estudavam na escola há dois anos e desde então eles mantinham o mesmo comportamento. Somente com o passar dos dias,

incluindo muita observação e conversa com as crianças, com as outras professoras, e também conhecendo o contexto familiar das crianças, fui compreendendo o porquê elas tinham comportamentos que não eram considerados corretos perante as demais crianças da turma e também sobre o olhar dos adultos.

Foi através da experiência que tive especialmente com a criança João, que me despertou sobre como a afetividade é importante na Educação Infantil e de como ela pode auxiliar no convívio e também na aprendizagem da criança. Sobre o afeto no ambiente escolar, Ferreira e Acioly-Régnier afirmam que “o afeto influencia as relações e os processos de aprendizagem, requerendo visões inclusivas e capazes de resgatar a dimensão de cuidado necessária ao processo educativo.” (2010, p.4).

Durante o ano letivo de 2017, que foi o ano no qual dei aula para essa turma, fui percebendo que “o problema” que fazia com que a criança João fosse tão reclamada na escola, tinha um cunho familiar. O menino João acordava todos os dias às 5:00 horas da manhã e ia para a casa da avó, já que tanto o pai quanto a mãe saíam para trabalhar, a mesma criança passava a manhã inteira na casa da avó juntamente com outros primos e durante o período da tarde ela ia para a escola, somente no período da noite, no qual a criança já estava se preparando para dormir, era o horário em que os pais da mesma chegavam em casa. De acordo com relatos da avó da criança, ela era uma criança muito rebelde, pois sentia muita falta da presença dos pais, e os mesmos tentavam suprir essa falta através de coisas materiais, como brinquedos, celular, tablet ou qualquer outro tipo de objeto, o que só fazia com que ela ficasse ainda mais chateada, pois ela compreendia que ela poderia ter tudo o que ela quisesse no momento, menos o que ele mais almejava, que era a presença dos pais. Sobre esse contexto familiar, Tápias et al. afirma que

O novo contexto familiar onde pai e mãe trabalham fora para dar maior conforto para a criança, as levam a serem criadas por avós, tios, empregadas ou algumas vezes colocadas em escolas de tempo integral. O diálogo familiar muitas vezes substituído por aparatos tecnológicos prejudicam o desenvolvimento social e a interação entre criança e adulto, e faz com que o professor tenha um desafio a mais. (2018, p. 13).

Foi a partir do relato da avó da criança e durante a convivência com a mesma que compreendi o que de fato fazia com que ela fosse ao mesmo tempo tão agressiva (em palavras e em atitudes) e tão carente. Quebrando todo o protocolo que tinha sido estabelecido em relação ao comportamento do menino João, fui “remando contra a maré” e agindo de uma forma diferente, para que ela pudesse sentir confiança em mim, se sentir acolhida e principalmente sentir afeto (que era a relação principal com todas as crianças da sala).

Para ajudar o menino João a se sentir mais confortável na escola e sentir que aquele ambiente era acolhedor e seguro para ela, estabeleci algumas regras para a turma inteira (para não causar o constrangimento em uma única criança) o uso das palavras mágicas com todas as crianças da sala e também com os demais colaboradores da escola, sempre que se sentisse desconfortável com alguma coisa seja com algo que aconteceu na escola ou em casa (que ela pudesse compartilhar) poderia chegar até mim e explicar como estava se sentindo e eu tentaria auxiliar da melhor maneira possível, sempre que as crianças chegavam na escola era realizada uma conversa com todos em grupo para que elas contassem o que haviam feito no dia anterior quando saíam da escola e pela manhã antes de chegarem na escola. Esses pequenos hábitos foram essenciais para que fossem ocorrendo mudanças no comportamento do menino João e melhorar o comportamento das demais crianças, pois muitas vezes, o que elas relatavam era que em casa ninguém tinha paciência

para escutá-las ou muitas vezes até nem se importavam com o que elas tinham para falar. Diante disso, Tápias et al. afirma que a escola

[...] tornou-se então uma forma de compensar essas carências, tornando a afetividade um diferencial, um ponto chave para o desenvolvimento da criança. O adulto tem o papel de mediador entre criança e o mundo ao qual ela está inserida, visando mostrar a criança que através do diálogo ela pode compreender o mundo ao qual está inserida. (2018, p. 13)

A partir desses combinados e das demais demonstrações de afeto que eram corriqueiras no nosso dia a dia (abraços, trocas de palavras gentis e incentivadoras, carinhos e diversas brincadeiras), o menino João foi mudando totalmente o seu comportamento, claro que, dependendo do que ela vivenciava em casa antes de chegar na escola, alterava todo o avanço que já tínhamos construído juntos, mas com a persistência continuamos realizando um belo trabalho em equipe.

O que mais me motivou a tornar a minha sala de aula em um local que possuísse afeto, foi justamente o fato de crianças com uma faixa etária ainda tão pequena, se queixarem da falta de coisas tão simples, como um diálogo, um abraço ou até mesmo apenas uma palavra de conforto. O menino João por exemplo alguns dias antes do dia das mães chegou relatando na escola que pela primeira vez a mãe iria conseguir assistir à apresentação dela na escola, a criança ficou extremamente radiante, porém quando foi no dia da apresentação, a mãe não apareceu. A criança ficou extremamente triste e inconformada com o ocorrido e durante aquele momento, retirei ela da presença das demais mães e tentei confortá-la da melhor maneira que pude, porém, como afirmam Amorim e Navarro,

[...] por melhor que seja uma escola, por mais preparados que estejam seus professores, estes nunca irão suprir a carência deixada por uma família ausente. Seja a mãe, o pai, avós, tios, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança, deverá dela participar efetivamente e afetivamente, pois a preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família. (2012, p. 5)

O menino Pedro, também era uma criança que tinha um comportamento um pouco complicado, vivia da mesma forma que foi relatada sobre o menino João, os pais trabalhavam o dia todo e ela ficava na casa da avó, porém os pais sempre faziam um esforço para busca-la e deixa-la na escola, pois de acordo com o relato da própria mãe, mesmo que o tempo fosse pouco, era muito importante para ela. Embora a criança sentisse a ausência dos pais, sempre que necessário uma intervenção maior, eu conseguia ter contato com os pais dele e informava o que havia ocorrido e prontamente conseguíamos resolver a questão. Sempre mantendo uma boa relação entre família/escola, que é tão importante na vida dos alunos, principalmente dos que estão na Educação Infantil.

Mesmo com todas as dificuldades que foram citadas, foram perceptíveis algumas mudanças significativas no comportamento das crianças em sala de aula e também os pais de algumas crianças relataram na época o quanto as mesmas tinham melhorado também o comportamento em casa. A primeira mudança e mais rápida também, foi que as crianças começaram a falar entre si de uma maneira mais amorosa e carinhosa, pois mesmo nessa idade, algumas crianças repetiam palavras e ações que faziam parte do seu cotidiano familiar, caso alguma criança falasse alguma palavra que não estava dentro dos parâmetros estabelecidos, automaticamente elas mesmas corrigiam quem havia falado errado. A segunda mudança foi na participação das brincadeiras direcionadas, pois antes as crianças não queriam participar, pois

afirmavam que as únicas brincadeiras legais eram as brincadeiras livres. A terceira mudança também bastante significativa foi a participação dos alunos durante as atividades sobre o conteúdo, de forma que a afetividade, principalmente nesse ponto foi crucial para o desenvolvimento esperado.

Durante os anos que estive na Educação Infantil, compreendi o quanto é importante ter afeto e demonstrá-lo aos seus alunos, pois como citam as autoras Amorim e Navarro “o amor e o afeto tornam-se a solução para a educação através da valorização do aluno como sujeito da educação.” (2012, p.6). Compreendendo o que os seus alunos estão necessitando, compreendendo a individualidade de cada um e entendendo que as crianças devem ser sujeitos ativos do seu processo de ensino/aprendizagem, fica mais fácil e mais prazeroso estar na sala de aula.

No decorrer dos demais anos que fui docente da Educação Infantil continuei aplicando nas minhas turmas os mesmos combinados e mesmo com turmas e crianças diferentes, as vezes os problemas se repetiam ou até mesmo surgiam outros, porém foi por meio do afeto fazendo parte da rotina que obtive turmas alegres, crianças felizes e com um pleno desenvolvimento, tanto emocional, quanto cognitivo.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme foi exposto no relato de experiência, a afetividade pode contribuir efetivamente na sala de aula, na relação interpessoal das crianças, na relação entre o professor e o aluno, assim como no desenvolvimento das crianças e também no processo de inserção da criança na Educação Infantil.

Visto que é necessário que a criança se sinta segura com o professor e que também se sinta pertencente aquele local, é necessário a cada dia mais que a afetividade seja comum nas relações entre o professor e o aluno. De acordo com Mello e Rubio

Todas as ações são mediadas pela afetividade do professor e percebe-se que as decisões tomadas por ele têm respaldo da afetividade, constituindo o afeto como fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos, os conteúdos escolares e os professores. (2013, p. 6)

Foi perceptível durante a observação que quando as crianças são escutadas e recebem atenção, o seu comportamento dentro da sala de aula fica completamente diferente, pois, como já supracitado neste trabalho, as crianças não devem ser consideradas apenas receptoras de um conhecimento, todas as crianças devem ser entendidas como um ser completo e devem ser percebidas desta forma por todos que estão ao seu redor, quando não são percebidas dessa maneira, os adultos acabam reduzindo a criança como um ser que deve apenas ouvir, pois não tem nada a contribuir.

Além do comportamento, o fato das crianças melhorarem as relações interpessoais e até mesmo com a sua família, comprova mais um fato, de que as crianças quando recebem afeto por meio de alguém que é próximo a ela, como por exemplo do(a) professor(a) na escola e não recebe da sua família, ou vice e versa, a criança começa a contestar o porquê de um daqueles dois grupos não está agindo da mesma forma.

Também é extremamente entender que, quando o(a) professor(a) demonstra afeto pelas crianças, as mesmas irão prestar mais atenção no que está falando, pois elas se sentem seguras e compreendem que aquela pessoa está ali para ajudá-la. De acordo com Mello e Rubio

O afeto deve estar presente na relação entre professor e alunos dentro do ambiente escolar. É de acordo com o grau de afeto apresentado entre as duas partes que a interação se realiza e constrói-se um conhecimento altamente envolvente. (2013, p. 8)

É através dessa interação que o docente consegue se aproximar da criança, assim criando um elo de amizade e de carinho. A partir disso é possível realizar as atividades com as crianças de forma que elas fiquem interessada e consigam desenvolvê-las de uma maneira eficaz para o seu desenvolvimento, porém, o docente também deve estar atento a faixa etária das crianças e o que deve ser adquirido com aquela atividade, o que a criança deve aprender e/ou qual habilidade nova ela irá adquirir ou relembrar. Diante disso, as autoras Mello e Rubio afirmam que

Cabe ao professor planejar e executar suas aulas para que seus alunos criem vínculos positivos entre si e os conteúdos. Quando um professor apenas transmite um conteúdo, sem nexos, sem que o aluno assimile afetivamente o conteúdo, nada será aprendido pois o professor tem de tornar os conteúdos interessantes aos olhos dos alunos. (2013, p. 7)

Através dessas atividades e dessa interação que se cria entre o docente e as crianças, é possível observar que o processo de ensino e aprendizagem é mais eficaz e mais fácil, pois a criança vai estar atenta ao que o docente está fazendo, e quando o docente inclui as crianças em todas as etapas do processo da sua aprendizagem, a criança irá compreender de uma maneira efetiva. Além disso, como sabemos o processo de ensino/aprendizagem se torna inerente um ao outro, visto que, quando o docente está ensinando ele está aprendendo, seja sobre o conteúdo ou até mesmo com um ponto de vista que a criança relata no qual o docente ainda não tinha pensando, o mesmo ocorre com as crianças, no mesmo momento em que elas estão aprendendo sobre os conteúdos/habilidades, elas podem estar ensinando umas às outras, assim como levando suas dúvidas e questionamentos (que são comuns durante a Educação Infantil) ao docente, desta forma, tanto as crianças como o docente conseguem evoluir e se desenvolverem em uma relação mútua. Sobre esta afirmação, Mello e Rubio declaram que

A confiança é tudo para os alunos, é uma ferramenta para a participação no sucesso e na conquista de seu educando. O professor é o referencial, o líder, o que orienta e auxilia o aluno em suas atividades, seus sonhos e projetos. Por outro lado, o professor também cresce e se realiza quando percebe que conseguiu passar todo o ensinamento para o aluno de uma forma tranquila, com amizade e serenidade, sem castigos, sem punições. O professor tem que estar apto para construir, se dedicar aos alunos, vibrando com suas conquistas. (2013, p. 8-9)

Quando o docente compreende que a afetividade, principalmente na Educação Infantil, muda completamente (para melhor) a sua sala de aula, a sua relação interpessoal com as crianças e das crianças com elas mesmas e também com a família, fica um pouco mais leve todo o processo de educar.

6 CONCLUSÃO

Diante do apresentado neste trabalho, podemos concluir que a afetividade é indispensável na relação professor/aluno principalmente durante a Educação Infantil, pois é durante esse período em que a criança está entrando no ambiente escolar e passando pela separação do seu primeiro e talvez único grupo social que é a família,

que a criança precisará sentir afeto por alguém, sabemos que isso não acontecerá de imediato, porém, o docente e todos os componentes da escola, devem demonstrar afeto e carinho pelas crianças que estão chegando. Especialmente durante este período, a criança deve se sentir acolhida e pertencente aquele local.

O docente que será responsável por aquela criança deve estar atento, principalmente nos primeiros dias da criança na escola, no período de adaptação, pois a criança deve estar se sentindo confortável e pertencente aquele local, a mesma deve ser ouvida e respeitada. Outro ponto muito importante é que durante o ano letivo, o docente deve propor atividades e brincadeiras que sejam adequadas a faixa etária, pois dessa forma, a criança será capaz de desenvolver determinadas habilidades e de compreender o conteúdo.

A afetividade contribui significativamente no processo de aprendizagem das crianças, pois a partir do momento em que a criança chega na escola e se sente acolhida, respeitada, ouvida e faz parte ativamente do seu processo de aprendizagem, ela terá mais interesse em aprender, seja em atividades, brincadeiras direcionadas e também brincadeiras livres.

Quando o docente demonstra para a criança de que ela é bem vinda no ambiente escolar e que ela faz parte dele é perceptível que a criança terá uma afeição maior por aquele docente, pois ela irá se sentir especial e conseqüentemente, essa relação irá perdurar durante todo o tempo em que a criança tiver contato com o docente, não somente durante o ano letivo, mas também durante toda a convivência da criança com o docente e a criança sempre lembrará do docente.

Como já supracitado durante o trabalho, a afetividade não necessariamente deve ser demonstrada por meio de beijos e abraços (embora façam parte da rotina da Educação Infantil), a afetividade também pode ser demonstrada por meio de palavras, gestos e atitudes, pois assim a criança irá se sentir querida, protegida e pertencente ao local ao qual agora ela também compõe.

Ressaltando também que, na parte do ensino/aprendizagem a afetividade se faz extremamente necessária, pois é a partir dela que o aluno da Educação Infantil conseguirá adquirir segurança, confiança e atenção no que o docente irá ensinar para as crianças. Caso o docente não consiga transmitir a afetividade ou não tenha afeto pelos seus alunos, as crianças irão conseguir aprender, porém não será possível manter uma relação de confiança durante o período em que a criança estiver junto do docente.

Dessa forma, se faz necessário que o docente consiga observar a sua prática, para que a mesma possa incluir a afetividade como parte natural do seu cotidiano, fazendo com que tudo o que ele consiga realizar seja envolto desse sentimento que é tão primordial na Educação Infantil, dessa forma os alunos conseguirão se desenvolver plenamente, alcançar as habilidades, compreender e aplicar os conteúdos estudados durante o ano letivo.

É necessário que a escola, e todo o corpo docente e os demais funcionários que a compõem devem estar unidos em um único propósito que é vivenciar e propor momentos que fiquem gravados na memória das crianças, uma memória afetiva que nunca será esquecida. Dessa maneira, criando um laço de afeição entre as crianças e os docentes, o ensino/aprendizado será realizado de uma forma eficaz, contribuindo na vida da criança e durante a sua formação, assim como durante toda a sua vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Bruna Molisani Ferreira. **Infâncias e educação infantil: aspectos históricos, legais e pedagógicos**. Revista Aleph, Ano V, nº 16, nov. 2011.
- AMORIM, Márcia Camila Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina. **Afetividade na educação infantil**. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar, n.º 7, p. 1 – 7, 2012.
- BASTOS, Ivanilda Maria e Silva; PEREIRA, Sonia Regina. **A contribuição de Vygotsky e Wallon na compreensão do desenvolvimento infantil**. 2003.
- BENEDICTO, Poliana Pâmela Judite. **Influência da afetividade na relação professor aluno na aprendizagem na educação infantil**. Maringá, 2014.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf Acesso em: 14 jul. 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 14 jul. 2021.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 14 jul. 2021.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 14 jul. 2021.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf Acesso em: 14 jul. 2021.
- DAUTRO, Grazziany Moreira; LIMA, Welânio Guedes Maias de. **A teoria psicogenética de Wallon e sua aplicação da educação**. V CONEDU, 2018.
- DIDONET, Vital. **Creche: a que veio...para onde vai...** v.18, n. 73, p. 11-27, jul. 2001.
- EMILIANO, Joyce Monteiro; TOMÁS, Débora Nogueira. **Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro, São Paulo, 2 (1): 59-72, 2015.
- FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educar, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Editora UFPR.
- GALVÃO, Izabel. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. **O Lugar das Emoções na Educação Infantil: o que pensam as educadoras?** Monografia de Especialização. 98p. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, 2002.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Afetividade e o processo de ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psic. Da Ed. São Paulo, 20, 1ª sem de 2005.

MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na Educação Infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 – 2013.

MIRANDA, Daniele Bezerra de. **A relação de afeto professor-aluno na educação infantil como facilitador do aprendizado**. Brasília, 2013.

NETO, Giuseppe Bruno. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget**. São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Francisca Fabiana Bento De. et al.. **A relação entre teoria e prática na formação inicial docente: percepções dos licenciandos de pedagogia**. Anais V FIPED... Campina Grande: Realize Editora, 2013.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p. 78-95, mar. 2009.

REDA, Maysaa Ghassan; UJIIE, Náíela Tavares. **A educação infantil e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Out. 2009.

REGINATTO, Raquel. **A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem**. Lagoa Vermelha – RS, 2013.

Sem autor. **Tipos de pesquisa**. Site São Cristovão. 2009. Disponível em: <https://www.saocristovao.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Anexo-I.pdf> Acesso em: 17 ago. 2021.

TÁPIAS, Andréia. et al. **Importância da afetividade na educação infantil**. 2018.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida, por guiar-me e conduzir-me durante toda a minha vida e durante a minha trajetória acadêmica, sendo o meu porto seguro e descanso.

Agradeço a minha mãe Katenuzia, que sempre esteve ao meu lado, por me apoiar em tudo e por ser essa mulher guerreira que nunca desisti de nada, a ela, toda a minha gratidão e amor. Também agradeço ao meu pai Márcio (*in memoriam*) por guiar-me lá de cima.

Agradeço a minha avó Ivanilza por cuidar tão bem de mim e de toda nossa família, por ser também uma mulher guerreira que sempre luta por todos. Agradeço a minha irmã Kelly, por ter me ensinado desde o seu nascimento a amar uma pessoa com todo o meu coração.

Agradeço a minha tia Cassandra, meu tio Kleiton por fazerem parte de toda minha vida. Aos meus primos Vanildo e Maria Luisa por partilharem das alegrias da infância e por desfrutarmos de tantos momentos juntos.

Agradeço ao meu esposo Edson Saulo, por todo amor, carinho e companheirismo dedicados a nós durante todos os anos. Agradeço também a paciência durante este período acadêmico, pois sei que ele não mensurou esforços para me alegrar em momentos tão cansativos.

Agradeço a minha amiga e colega de curso Letícia, por ser minha companheira nessa jornada, compartilhando as alegrias e as angústias vivenciadas no curso, por aguentar os meus desabafos e compartilhar inúmeras felicidades.

Agradeço também a minha orientadora Prof^a Márcia Gomes pela paciência, pelas aulas e pelas orientações que foram necessárias para a conclusão deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os colegas de curso, professores e aos demais amigos que direta ou indiretamente me auxiliaram durante esta jornada.